

GONG JI-YOUNG

NOSSAS
HORAS
FELIZES

Tradução de
Maryanne Linz

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

Harlem está postado acolá, à guisa dum ato de anátema à cidade de Nova York e aos que vivem no centro, ameahando ouro. Os bordéis do Harlem, toda a sua prostituição e concupiscência são o reflexo dos maneirosos divórcios e dos adultérios requintadíssimos de Park Avenue; são o comentário de Deus a toda nossa sociedade.

— Thomas Merton

ANOTAÇÃO AZUL 1

Vou contar uma história. A história de um assassinato. A história de uma família que só conseguia causar destruição, na qual gritarias, escândalos, surras, caos e xingamentos eram o pão de cada dia. E a história de um ser infeliz que costumava acreditar que não deveria estar infeliz — a minha história. No dia em que tudo começou, duas mulheres e uma adolescente morreram. Eu estava convencido de que uma dessas mulheres não tinha o direito de viver, que merecia morrer. Achava que o fato de ela ter tanto dinheiro apenas para si mesma era como vestir ratazanas em seda fina. Acreditava que, se eu, neste mundo desonesto e injusto, pudesse usar aquele dinheiro para uma boa causa, estaria fazendo a coisa certa.

E havia outra mulher. Era uma mulher que nunca teve nada dela mesma em toda a sua vida. Uma mulher que teve tudo

tomado pelos outros — e ela estava morrendo. Se eu ao menos tivesse ganhado 3 milhões de won, poderia tê-la salvado. Mas, naquela época, não havia nenhuma maneira de conseguir tanto dinheiro. Cada dia que passava, ela estava mais perto da morte, e, apesar de eu não saber se realmente existia um céu nem quanto tempo havia se passado desde a última vez em que tinha olhado para ele, presumi que o céu me entenderia e que aquilo era justiça. Justiça.

CAPÍTULO 1

A neve que começara a cair de leve à tarde estava se transformando em chuva. Uma luz azulada e uma névoa inundavam as ruas, e o céu úmido estava carregado de nuvens baixas, confundindo os limites entre ele e a terra. O relógio mostrava que passava das cinco. Vesti o casaco e saí do meu apartamento. No estacionamento, os carros estavam silenciosos como túmulos, e as luzes amarelas que começaram a acender nas janelas do outro lado da rua reluziam como estrelas inalcançáveis. As árvores enfileiradas à margem da estrada, que tinham perdido as folhas havia tempo, pareciam uma cerca de arame farpado separando os prédios das pessoas pobres do outro lado da rua dos prédios ricos deste lado. Parei antes de entrar no carro e olhei para cima. Os prédios ficavam de costas para o céu, seus corpos pesados bloqueando a visão das nuvens. Observando dali, na fraca luz do crepúsculo, os edifícios pareciam uma muralha reta e forte. Uma chuva fina de inverno caía na rua congelada. Entrei no carro. Assim que liguei os faróis, gotas que pareciam gelo raspado apareceram no foco de luz em formato cilíndrico. O fim de tarde escuro

era quebrado apenas pelos raios alegres e coloridos dos postes de rua e dos letreiros das lojas — pelo que eu estava vendo, a chuva caía apenas dentro daquela luz. Afinal, na escuridão, não tínhamos ideia do que realmente caía sobre nós.

O Dr. Noh havia ligado para dizer que tia Monica desmaiara e estava novamente no hospital, que o prognóstico não parecia bom dessa vez, e falou que era melhor eu me preparar. Isso provavelmente queria dizer que eu precisava estar pronta para me despedir de mais uma pessoa. Pensei no rosto de Yunsu enquanto dava partida no motor: óculos pretos de aro de tartaruga, pele pálida, lábios jovens ainda rosados, uma covinha discreta que aparecia apenas em uma das bochechas quando ele sorria timidamente. Eu não queria me lembrar dele. Tinha passado muitas noites sem dormir tentando tirá-lo da cabeça. Noites em que eu não conseguia cair no sono se não bebesse muito, alvoradas tristes em que acordava com um fantasma se estrangulando.

Eu costumava enterrar o rosto no travesseiro e esperar pelas lágrimas, mas tudo que saía de mim era um estranho gemido. Havia alguns dias em que pensava, *certo, é melhor lembrar, me lembrar de tudo, me lembrar de cada mínimo detalhe*, mas acabava bêbada e caída no sofá.

Depois que Yunsu se foi, eu acordava todas as manhãs sabendo que nunca poderia voltar à minha antiga vida. Tudo tinha sido virado de ponta-cabeça de novo, como era no início. Mas, depois de conhecê-lo, tive certeza de duas coisas: eu nunca mais poderia tentar me matar de novo, e que isso era tanto o último presente quanto a sentença final que ele havia me dado.

Assim como a chuva de inverno que era visível apenas no brilho dos faróis, havia muitas coisas neste mundo que eram invisíveis no escuro. Aprendi isso depois de conhecê-lo: só porque

algo era invisível não significava que não existia. Depois de conhecê-lo, atravessei minha própria escuridão e entendi o que era aquela treva que respirava dentro de mim como a morte. Havia coisas que eu nunca teria percebido se não fosse por ele, nunca teria compreendido que o que eu considerava escuridão era, na verdade, um brilho ofuscante. Uma luz tão brilhante que cegou meus olhos. Eu continuaria achando que sabia tudo. Porque Yunsu me fez entender que, se conseguimos amar de verdade, é nesse instante que partilhamos a glória de Deus.

Agora ele se foi, mas ainda agradeço a Deus por ter tido a chance de conhecê-lo.

Dirigi pela rua escura na chuva. Sete anos atrás, quase não havia movimento nesta estrada onde até os letreiros de neon sentiam medo, mas, agora, as pistas estavam lotadas de carros que brotavam de todas as direções. Não havia pressa. Todos estavam indo a algum lugar. Não importava o destino, todos tinham de chegar a algum lugar. Mas será que realmente sabiam aonde estavam indo? A mesma pergunta que me fiz todos aqueles anos que se passaram me veio como uma antiga lembrança. À frente, o sinal de trânsito ficou vermelho como o sol sobre os carros que corriam pela chuva escura e nebulosa. Todos pararam ao mesmo tempo. Eu também parei.

Pobre passarinho sem patas
que perdeu a mãe,

aonde você irá
quando ventos agitados soprarem?

Querido vento, você sabe?
Querida chuva, você sabe?

O que vai levá-los
dessas matas?

— Bang Eui-kyung, na música
“Coisas bonitas”

ANOTAÇÃO AZUL 2

Minha cidade natal... Você me perguntou sobre minha cidade natal. Mas será que alguma vez eu realmente tive um lar? Eu respondi que, se por cidade natal você se referia ao local onde nasci, então a resposta seria Yangpyeong, na província de Gyeonggi, perto de Seul, e esperei sua próxima pergunta. Mas você não me perguntou mais nada. *Era uma aldeia pobre, falei. Havia uma represa logo depois de uma colina relvada, e nossa casa estava sempre fria. Parei ali. Tudo bem, disse você, não precisa falar sobre isso se não quiser.* Mas não era que eu não quisesse — eu não podia. Quando desentorro essas memórias, é como se um coágulo negro de sangue preenchesse minha boca.

Meu irmão caçula, Eunsu, e eu costumávamos brincar ao sol na beira da represa. Um dia, Eunsu apanhou da vizinha. Ele tinha ido até a casa dela implorar por arroz, mas ela disse que Eunsu deixou tudo cair no chão. Então, enquanto ela e o marido estavam fora trabalhando, peguei uma grande vara de madeira e bati nos filhos deles até seus narizes sangrarem. Depois disso, nenhuma outra criança quis brincar conosco. Então sempre fomos só nós dois. Algumas vezes, se uma pessoa caridosa nos dava sobras de arroz frio, nós nos escondíamos no celeiro de um vizinho para não acordar nosso pai desmaiado de tão bêbado e nos revezávamos mordendo a bola gelada de arroz. Sempre fazia sol na represa, e, quando tínhamos sorte,

conseguíamos até macarrão instantâneo com os pescadores que vinham de Seul. Em dias de mais sorte ainda, íamos até uma loja a uns oito quilômetros e trazíamos cigarros para eles em troca de algumas moedas.

Levei muito tempo para perceber que estávamos esperando por nossa mãe, que havia fugido de casa. E foi só depois de muito, muito tempo que percebi que, apesar de tudo o que eu me lembrava dela serem o rosto inchado e os machucados que cobriam seu corpo castigado pelas surras que levava de nosso pai, eu esperava que ela voltasse para casa, com hematomas e tudo, e matasse aquele homem, que começava a nos bater no instante em que acordava de seu torpor embriagado naquele quarto abafado. Eu queria que ela viesse nos salvar. Minha lembrança mais antiga na vida é a de querer matar. Mas, já que minha mãe estava em algum lugar, em algum lugar distante, aquele sentimento de espera — ainda que eu não soubesse pelo que esperava — nunca se dissipou completamente. Acho que isso aconteceu quando eu tinha cerca de 7 anos.

CAPÍTULO 2

Tia Monica e eu éramos as ovelhas negras da família. Ou deveria dizer hereges? Ou degeneradas seria mais apropriado? Havia uma diferença de idade de quase quarenta anos entre nós, mas éramos idênticas como irmãs gêmeas. Quando eu era criança, minha mãe costumava dizer *you age igualzinho à sua tia*. Eu sabia que aquilo não era um elogio. Não importa o quão jovem você seja, sempre dá pra saber quando alguém gosta ou não de uma pessoa pela forma como pronuncia o nome dela. Por que ela odiava minha tia, de quem costumava ser amiga? Será que eu odiava minha mãe porque ela odiava a tia com quem me parecia, ou comecei a ficar parecida com a minha tia de propósito porque minha mãe a odiava? Eu era teimosa e gostava de deixar as outras pessoas desconfortáveis. Gostava de insultar as expressões tranquilas daqueles que me deixavam enjoada e costumava cair na gargalhada e demonstrar pena pelos olhares chocados em seus rostos. Mas aquilo não era vitória, como forças de ocupação cantarolando enquanto entram numa terra selvagem. Era mais como uma ferida antiga e secreta, pronta para cuspir sangue ao menor toque, o tipo de

ferimento que sangraria a qualquer momento, mesmo que não houvesse dor. Em outras palavras, estava mais para desespero, uma paródia cantada por soldados sobreviventes de um motim fracassado. Mas tia Monica e eu também éramos diferentes de várias maneiras. Ela rezava muito mais do que eu pela nossa família, e nunca tirou vantagem material deles.

Já eu, sendo bem sincera, era um desastre. Vivia para mim mesma, arrastava os outros para os meus problemas em nome do amor e da amizade, não por causa deles, mas por mim. Eu existia apenas para mim mesma e até queria morrer por mim mesma. Eu era uma hedonista. Cega para o fato de que havia me perdido e me tornado uma escrava dos sentidos, ataquei as muralhas da minha sólida família. Ficava fora a noite inteira bebendo, cantando e dançando. Não percebia que esse estilo de vida superficial estava me destruindo sistematicamente, e, mesmo se tivesse percebido, não teria parado. Eu queria me destruir. Só me sentia satisfeita se a galáxia inteira girasse à minha volta. Ficava bêbada e chutava portas fechadas, sem saber quem eu era ou o que queria. Nunca cheguei a dizer isto em voz alta, mas, se alguém tivesse colocado um estetoscópio em meu peito naquela época, provavelmente teria ouvido: Por que a Terra não pode girar ao meu redor? Por que você não está disponível quando eu me sinto sozinha? Por que coisas boas continuam acontecendo àqueles que odeio? Por que o mundo continua me irritando e se recusando a me dar uma mísera migalha de felicidade?

Mais perverso que não sentir nada é não saber que você não sente nada.

— Charles Fred Alford, *What Evil Means to Us*

ANOTAÇÃO AZUL 3

Depois que comecei a frequentar a escola, meu irmãozinho Eunsu me seguia até lá todas as manhãs. Como sua entrada não era permitida, ele costumava ficar agachado no canto do muro do pátio da escola, me esperando até que as aulas acabassem. Eunsu era diferente de mim. Quando outras crianças batiam nele, nunca pegava um pedaço de pau e revidava. Se uma criança mais forte me pegasse, eu lutava até o fim, cravando os dentes no antebraço dela se precisasse, mas meu irmão não. A sina dele, como a de nossa mãe, era submeter-se às surras do destino e não fazer nada a não ser chorar. Quando a aula acabava, eu saía correndo encontrava Eunsu tremendo e todo arrepiado, encostado no muro, com os lábios azuis de frio. Nossa refeição diária era o pão de milho distribuído entre os alunos na escola. Eu costumava guardar meu pedaço e não dar nem uma mordida nele mesmo vendo as outras crianças comendo os delas e sentindo minha boca salivar por uma provinha. Em alguns dias, eu encontrava Eunsu com o

nariz sangrando; em outros, com o pinto de fora porque suas roupas tinham sido roubadas por outros meninos.

Por um bom tempo depois disso, eu me perguntei se realmente havia amado meu irmãozinho. Não sei. Tudo o que eu sabia era que queria que ele fosse feliz. Acho que talvez esses momentos que passamos juntos, voltando a pé para casa e dividindo o pão de milho que eu tinha conseguido não comer, devem ter sido os mais felizes de nossas vidas.

Um dia estava chovendo. Era primavera, mas fazia frio, o céu que havia clareado pela manhã ficou escuro, e, de repente, a chuva parecia estacas de água caindo. Eu não ouvia uma palavra do que a professora dizia, só conseguia olhar pela janela. Não havia lugar fora da escola onde Eunsu pudesse se manter seco. Uma imagem dele na chuva passou diante dos meus olhos: como um filhote de pombo deixado para trás num ninho vazio, ele chorava tanto que os olhos estavam inchando. Logo que o primeiro tempo da aula acabou, corri para o pátio.

Parado lá na chuva, Eunsu ficou tão surpreso por me ver antes do esperado que sorriu de orelha a orelha. A chuva batia sem dó em seu rosto, mas ele não cabia em si de felicidade. Perdi a paciência. Como eu também não tinha guarda-chuva, não estava em melhores condições que meu irmão, e minhas roupas começavam a ficar tão ensopadas quanto as dele.

— Vá pra casa — ordenei.

— Não quero.

— Vá pra casa!

— Não.

Machucava ter de mandá-lo para casa, onde nosso pai bêbado pegaria a primeira coisa que visse quando acordasse, fosse uma vara ou um cabo de vassoura, para bater em meu irmão menor. Mas a chuva estava forte, então peguei Eunsu

pela gola da camisa e o arrastei para casa. Deixei-o no beco que dava em nossa casa e me virei para ir embora, mas ele me seguiu. Virei-me, agarrei-o pela gola da camisa novamente e o arrastei de volta. Dei meia-volta e corri, mas ele continuou me seguindo. Voltei e comecei a socá-lo. E, como um bobo do planeta da submissão que não sabe o significado da palavra desobediência, Eunsu levava os golpes enquanto se agarrava à barra da minha camisa. Bati nele como se fosse um louco. O sangue jorrou de seu nariz e encharcou minha roupa junto com a chuva.

— Escute aqui — ameacei. — Se você não for pra casa agora mesmo, vou fugir também. Vou te deixar e vou fugir. Agora vá pra casa e não saia mais!

Eunsu parou de chorar imediatamente. Largou minha camisa. Minha fuga seria pior que uma sentença de morte. Ele me lançou um olhar ressentido e virou-se para ir embora. Aquela foi a última vez em que nos olhamos nos olhos. E foi a última imagem clara de mim que Eunsu viu.